



OJS
OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

REVISTA
ENSINO DE GEOGRAFIA (RECIFE)
Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEPE)
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia>

PKS
PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

OFICINAS PEDAGÓGICAS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Maria Gabriela Martins de Oliveira¹, <https://orcid.org/0000-0003-2111-2215>

Ivaneide Silva dos Santos², <https://orcid.org/0000-0002-5255-0608>

¹ Universidade do Estado da Bahia, Serrolândia, Bahia, Brasil*

² Universidade do Estado da Bahia, Serrolândia, Bahia, Brasil**

Artigo recebido em 04/04/2022 e aceito em 14/12/2022

RESUMO

O artigo discute as contribuições de oficinas pedagógicas para a aprendizagem significativa no ensino de Geografia. O texto resulta de uma pesquisa de graduação realizada no curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, com crianças que estudaram nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa contou com a participação de alunos e professores de três escolas públicas municipais de uma cidade do interior da Bahia. A base metodológica foi de abordagem qualitativa de caráter explicativo, tendo como fundamento teórico metodológico para a apreensão do conhecimento, o construtivismo, utilizando como procedimento a pesquisa-ação. Foram realizadas entrevistas com quatro professoras das três escolas pesquisadas, e com os trinta estudantes de 5º ano destas instituições que participaram das oficinas. Os dados obtidos na pesquisa revelam a eficácia da utilização das oficinas pedagógicas na apreensão dos conteúdos de Geografia, por apresentarem novas possibilidades de ensino e aprendizagem, unindo a teoria com a prática de maneira lúdica e vivenciada, ao mesmo tempo que potencializa o ensino, neste caso de Geografia.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa; Ensino de Geografia; Ludicidade.

PEDAGOGICAL WORKSHOPS AND SIGNIFICANT LEARNING IN TEACHING GEOGRAPHY

ABSTRACT

The article discusses the contributions of pedagogical workshops for meaningful learning in the teaching of Geography. The text results from an undergraduate research conducted in the undergraduate course in Geography at the Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, with children who studied in the early years of elementary school. The research included the participation of students and teachers from three

* Graduada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB Campus IV, Orientadora Social do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Serrolândia-Ba, E-mail: gabymartins264@gmail.com

** Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, E-mail: ivaneide-uneb5@hotmail.com

municipal public schools in a city in the interior of Bahia. The methodological base was of qualitative approach of explanatory character, having as theoretical methodological foundation for the apprehension of knowledge, the constructivism, using as procedure the research-action. Interviews were conducted with four teachers from the three schools researched, and with the thirty 5th grade students from these institutions who participated in the workshops. The data obtained in the research reveal the effectiveness of the use of educational workshops in the apprehension of Geography content, by presenting new possibilities for teaching and learning, uniting theory with practice in a playful and experienced way, while enhancing the teaching, in this case of Geography.

Keywords: Significant learning; Teaching of Geography; Playfulness

TALLERES PEDAGÓGICOS Y APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

RESUMEN

El artículo analiza las contribuciones de los talleres pedagógicos para el aprendizaje significativo en la enseñanza de la geografía. El texto es el resultado de una investigación de pregrado realizada en el curso de licenciatura en Geografía en la Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, que tuvo como objetivo analizar las contribuciones de los talleres pedagógicos al aprendizaje significativo del conocimiento geográfico en los primeros años de educación primaria. La investigación contó con la participación de estudiantes y profesores de tres escuelas públicas municipales en una ciudad del interior de Bahía. La base metodológica se basó en un enfoque cualitativo de naturaleza explicativa, basado en la base teórica metodológica para la comprensión del conocimiento, el constructivismo, utilizando la investigación en acción como procedimiento. Con este fin, se realizaron entrevistas con cuatro maestros de las tres escuelas encuestadas, y con los treinta y cinco estudiantes de quinto año de estas instituciones que participaron en los talleres. Los datos obtenidos en la investigación revelan la efectividad del uso de talleres pedagógicos en la comprensión de los contenidos de Geografía.

Palabras clave: Aprendizaje significativo; Enseñanza de la Geografía; Lúdica.

INTRODUÇÃO

Diante das recentes mudanças e reformas nas políticas educacionais e curriculares, os problemas de ordem social, econômica e cultural ocorridos no mundo atualmente, sobretudo diante da recente pandemia do COVID-19, que tem alterado o ritmo de vida de toda a humanidade e em tão pouco tempo, a escola desponta com um grande desafio para lidar com esta problemática e ao mesmo tempo é convidada a dar novos sentidos discursivos à realidade em que vivemos.

Sabemos que está cada vez mais difícil conseguir despertar o interesse dos estudantes para a sala de aula, e isso se deve, em grande parte, à falta de contextualização dos conteúdos trabalhados com a realidade vivenciada, dificultando e comprometendo o conhecimento e a criticidade desses indivíduos a respeito do mundo em que vivem. No que concerne à Geografia, são várias as pesquisas que afirmam que esta disciplina tem se apresentado ao longo de sua história como um saber

enciclopédico, isto é, a Geografia das informações e dados decorados, sem uma preocupação necessária com o seu verdadeiro papel, a compreensão do espaço, ou seja, o desenvolvimento do raciocínio geográfico e do pensamento espacial.

Sendo assim, considerando que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes devem estar voltadas à realidade do aluno, para que o conteúdo das aulas possa lhes fazer sentido e instigar os seus desejos pela busca do conhecimento, tanto da Geografia como das demais disciplinas escolares, este artigo apresenta a oficina pedagógica como uma ferramenta de ensino que pode ajudar a facilitar o processo de ensino e aprendizagem, por acreditar que o pensar e o agir exigem a busca por estratégias de integração entre os pressupostos teóricos e práticos, de modo que os conteúdos que o aluno estuda na escola façam sentido fora dela.

O trabalho é resultado de uma pesquisa de graduação, a qual surgiu a partir de nossas experiências profissionais e de formação docente, bem como da nossa participação como bolsistas de Coordenação e de Iniciação à Docência (ID) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Geografia da Universidade Estadual da Bahia, campus IV, Jacobina, que culminou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A pesquisa objetivou explicar a contribuição das oficinas pedagógicas para a aprendizagem significativa dos saberes geográficos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A abordagem metodológica da pesquisa foi qualitativa, de caráter explicativo, pois buscamos elucidar o problema levantado, procurando respostas para o referido problema. Quanto aos procedimentos, foi utilizada a pesquisa-ação através da realização das oficinas pedagógicas, as quais contaram com uma carga horária total de 40 horas e aconteceram semanalmente, durante uma unidade letiva com três escolas da rede pública municipal da cidade de Serrolândia-Bahia, tendo como fundamento teórico-metodológico para sua realização o construtivismo, bem como para a apreensão dos conhecimentos pelos participantes das oficinas. As atividades desenvolvidas nas oficinas estiveram pautadas nos conteúdos curriculares de Geografia, selecionados e trabalhados pelo/a professor/a no cotidiano da sala de aula.

Foram selecionados 30 estudantes do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, através de sorteio de 10 participantes em cada instituição pesquisada para participarem das oficinas. Também entrevistamos 4 professoras das escolas pesquisadas, com aplicação de questionários com questões abertas, as quais serão identificadas neste trabalho como professora A, B, C e D. Aos alunos, foram aplicados os questionários de avaliação pós-oficinas e eles puderam relatar as experiências e percepções acerca das atividades que participaram.

O texto está organizado de modo a discutir sobre a construção da aprendizagem significativa no ensino de Geografia, a partir da possibilidade do aluno *lerescrever*¹ o mundo do ponto de vista da espacialidade dos fenômenos, bem como a potencialidade das oficinas pedagógicas enquanto estratégia didática para o ensino de Geografia, considerando os princípios do pensar, sentir e agir. Em seguida, discutimos sobre as experiências com oficinas pedagógicas nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental I.

A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O processo de ensino e aprendizagem pautado no diálogo, em que o novo conhecimento se une aos saberes que já estão postos nos destinatários, pode ser significativo, tanto para quem ensina quanto para quem aprende, principalmente quando se realiza a contextualização dos conteúdos que estão sendo trabalhados na educação escolar.

Neste processo, a Geografia desponta como uma ciência e disciplina escolar que, ao ser ensinada de maneira contextualizada, contribui para que o espaço geográfico e as categorias de análise desta ciência como lugar, região, paisagem e território, possam fazer sentido para o aluno, colocando-o como agente ativo na construção deste espaço geográfico. O aluno precisa compreender como tais fenômenos estão presentes no mundo, e qual a sua participação na construção/intervenção destes.

Sendo assim, a Geografia torna-se imprescindível para auxiliar a construção da cidadania, por permitir que os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem desenvolvam seu senso crítico e intervenção acerca da sua realidade, compreenderem o seu papel na sociedade e *lerescrever* o mundo ao qual fazem parte. De acordo com Callai (2005, p. 228/229), “[...] Ler o mundo da vida, ler o espaço é compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola”.

Com base no enunciado da autora, ler o mundo significa também acompanhar as suas constantes transformações e entender que elas são o resultado das relações sociais, de uma produção coletiva da sociedade de acordo com as suas utopias, desejos e necessidades sobre o espaço, construindo-o, reconstruindo-o e dando-lhe significações em diferentes contextos históricos.

¹ O significante *lerescrever* é um neologismo, construído no decorrer da pesquisa, como significado de possibilidade de se decifrar o presente de maneira criteriosa na busca de se construir um futuro bem mais consistente, isto é, ler o agora com criticidade, de modo que se compreenda toda a dinâmica existente no espaço-tempo em que se está inserido.

Assim, a expressão *lerescrever* o mundo, utilizada neste trabalho, significa a possibilidade de leitura do agora, do presente, com criticidade, para que se possa escrever e transformar o futuro, ou seja, considerando a formação dos alunos, que estes não sejam indivíduos conformados com o que já está posto, mas sim sujeitos capazes de refletir sobre a realidade em que vivem.

Partindo deste pressuposto, o ensino, sobretudo de Geografia, torna-se muito importante para que a possibilidade de *lerescrever* o mundo venha a acontecer. A Geografia estuda o espaço geográfico, bem como as relações que nele se estabelecem, sendo elas de cunho social, cultural, econômico e político, sendo que seu ensino pode promover o despertar para todas essas questões supracitadas presentes no espaço geográfico. Ao mesmo tempo o aluno pode, a partir da sua leitura de mundo de hoje, escrever o seu amanhã, entendendo o espaço como um conceito em constante transformação. Sobre esta questão Straforini (2001) afirma que:

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, se preocupar com o futuro através do inconformismo do presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento (STRAFORINI, 2001, p. 23).

De acordo com o autor, é possível perceber o quão é importante estabelecer a relação entre o conhecimento em movimento com o que já está posto e inerente ao aluno. O papel da Geografia está em permitir que o aluno desenvolva o seu pensamento crítico, e para que a leitura de mundo aconteça é necessário que se crie estratégias de ensino que não estejam pautadas numa decoração exagerada, da enumeração e da descrição de fatos isolados.

Preocupadas com esta problemática, perguntamos às professoras que participaram da pesquisa como estas realizam o ensino de Geografia nas salas de aulas, e todas disseram que na maioria das vezes utilizam apenas o livro didático sem contextualizar com a realidade. Segundo as entrevistadas, esta metodologia pode prejudicar a aprendizagem dos alunos em Geografia. Com isso, é possível dizer que a leitura de mundo do aluno pode ser comprometida e a disciplina ser vista por este como enfadonha e cansativa. Ainda sobre isso, a professora D afirmou que:

Não me sinto segura para trabalhar com mapas nas aulas de Geografia, apesar de considerá-los muito importantes para lecionar a disciplina, não tive a devida preparação para lidar com esses instrumentos. Faço o uso, porém não é com muita frequência. Por isso, na maioria das vezes, as aulas são desenvolvidas através do livro didático².

A fala da professora reforça a ideia defendida por Straforini (2016), sobre a formação generalista, em que muitos docentes dos anos iniciais não são preparados para lecionar Geografia, o

² Fala da professora D, das Escolas 1 e 2. Entrevista concedida em: 28/03/2017 (Para manter o anonimato, denominamos as escolas pesquisadas de 1, 2 e 3).

que prejudica suas práticas pedagógicas e acaba por interferir negativamente na aprendizagem dos alunos, que não se sentem estimulados em estudarem a disciplina. É importante ressaltar que as representações gráficas foram apontadas pelas professoras como o principal conteúdo de Geografia que elas têm mais dificuldade em trabalhar. Contudo, consideramos necessário lembrar que a cartografia é de extrema importância nos anos iniciais de ensino à leitura espacial e sua construção, como nos afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1997), quando diz que o estudo da linguagem cartográfica deve fazer parte da vida escolar do aluno desde o início.

No que se refere à aprendizagem significativa, atualmente nossa sociedade é marcada por acréscimos, no que diz respeito a tecnologia, proporcionando ao ensino, sobretudo da Geografia, novas e mais atraentes formas de se trabalhar na escola e fora dela, no entanto ainda é possível perceber a presença de práticas ultrapassadas em sala de aula, algumas vezes pelo despreparo do professor em inovar, outras pelo fato de esses acréscimos tecnológicos não estarem disponíveis para todos de forma igualitária.

Essa realidade afeta de maneira negativa no processo de ensino e aprendizagem, dificultando a relação entre professor e aluno, tornando as aulas desinteressantes. Alcançar a aprendizagem do aluno torna-se cada vez mais difícil, uma vez que a utilização de práticas pedagógicas excedidas não instiga o aluno a aprender, afetando também o trabalho do professor, na medida em que este se sente desestimulado a trabalhar. Sobre esta questão, perguntamos as professoras qual a melhor maneira para se alcançar uma aprendizagem mais significativa dos alunos no ensino de Geografia, e as entrevistadas consideraram importante tomar a realidade do aluno como ponto de partida. Isso pôde ser percebido na fala da professora C, ao afirmar que:

É possível alcançar a aprendizagem significativa do aluno através de diferentes fontes textuais, em que o aluno possa reconhecer-se como sujeito do processo de construção/reconstrução do espaço geográfico, respeitando e valorizando seu modo de vida, sua cultura³.

Com a inferência dessa professora, o que se percebe é que apesar das dificuldades que estas, enquanto docentes, apresentam para lecionar Geografia, por não terem a devida formação da disciplina, como já foi apresentado anteriormente, há, portanto, uma preocupação em buscar a contextualização dos conteúdos de Geografia trabalhados na sala de aula com o cotidiano dos alunos, de modo que a aprendizagem significativa seja alcançada. As professoras que participaram da pesquisa, consideram válidos os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conteúdos de Geografia,

³ Fala da professora C, da Escola 3. Entrevista concedida em: 29/03/2017.

pois como acrescenta a professora B “[...] *os conhecimentos que os alunos trazem são importantes para indicar o que já sabem e direcionar o que precisam aprender*”⁴.

Dessa maneira, o papel da Didática no processo de aprendizagem é de suma importância, uma vez que o professor possui a função de mediador do conhecimento através da sua metodologia de ensino, que precisa estar voltada para a experiência vivida do aluno como ponto de partida para se chegar ao conhecimento sistemático. Assim, o processo de ensino e aprendizagem fará mais sentido para ambos os sujeitos que dele participam, e os resultados alcançados serão bem mais positivos. Portanto,

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. (SANTOS, 2008, p. 115. *Apud*. PEREIRA, 2014, p.52/53).

O enunciado revela a importância do trabalho pedagógico do professor com algumas abordagens de ensino que fogem da tradicional. Assim, o processo de aprendizagem não é algo simples, mas depende de muitos fatores, dentre eles a capacidade do professor motivar o interesse do aluno para as suas aulas, a capacidade intelectual desse aluno, o ambiente escolar e as oportunidades que ele oferece, bem como a perspectiva que o aluno traz consigo acerca do seu futuro. Todos esses fatores cooperam diretamente para o desenvolvimento da aprendizagem, a qual trata-se de um processo continuado que acontece durante toda a vida do sujeito, atrelando a este, bagagem de conhecimentos concebidos através da sua experiência no decorrer de sua história de vida.

Dessa forma, cabe a instituição escolar e professores darem sentido a essas informações que fazem parte dos alunos, ao que eles já sabem. “Aproveitar o potencial que o indivíduo traz e valorizar a curiosidade natural da criança são princípios que devem ser observados pelo educador” (BRUNER, 1991, p. 122). O importante não é alcançar a aprendizagem do aluno, e sim o sentido que lhe é dado, para que esta possa ter um significado, evitando assim que seja esquecida.

Por conseguinte, falar em aprendizagem significativa, como a própria palavra nos remete, quer dizer atribuir significado ao que se aprende, de modo que os conteúdos façam sentido e não sejam apenas mera reprodução mecânica e passageira. É necessário haver a verdadeira apreensão do conhecimento que está sendo ensinado, e que este possa ser ressignificado por quem o recebe

⁴ Fala da professora B, da Escola 3. Entrevista concedida em: 28/03/2017.

transformando-o em aprendizagem, não passageira, mas duradoura, de significados. Para Moreira (2012)

Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não literal, não ao pé da letra, e não arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2012, p. 06).

O enunciado revela que para se alcançar novos resultados e construir novos conhecimentos é necessário que se leve em consideração os conhecimentos já existentes, chamados por Ausubel (2003, *Apud.* MOREIRA, 2012 p. 06) de *subsunção* ou *ideia-âncora*. Assim,

É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. (MOREIRA, 2012, p. 06).

Partindo dessa colocação, para a aprendizagem significativa acontecer, duas condições são estabelecidas: a primeira diz respeito à disposição que o aluno precisa ter para aprender e a segunda diz respeito ao conteúdo escolar, que também deve ser significativo, bem como a forma como ele é passado. Quando o conteúdo deixa de ser contextualizado com a realidade do aluno, a aprendizagem deixa de ser significativa e passa para o que Ausubel (2003) chama de aprendizagem mecânica, em que a pessoa apenas decora e após a avaliação esquece. Portanto,

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva. (PELLIZZARI; KRIEGL et. al. 2002, p. 38).

Sendo assim, obter uma aprendizagem significativa deve ser considerado como prioridade do ensino, principalmente da Geografia, na medida em que este possibilita resultados positivos, sobretudo na construção da consciência cidadã do sujeito. Vale salientar que o aluno de hoje é o organizador de sua aprendizagem, e o professor possui o papel de mediador entre este aluno o conteúdo a ser estudado.

Como já foi comentado anteriormente, a Geografia torna-se imprescindível na conjectura do mundo atual, pois “[...] nesse período marcado pela técnica, ciência e, principalmente pela informação, seja muito mais necessário aprender Geografia para compreender o mundo em que vivemos” (MICHELETO, 1997. *Apud.* STRAFORINI, 2001 p. 22/23).

Por conseguinte, para que haja uma aprendizagem significativa, os conteúdos devem estar integrados ao cotidiano e à realidade em que o aluno está inserido, para que ele possa ser estimulado a pensar e transformar o meio ao qual pertence de modo crítico e consciente. Para tanto, são fundamentais estratégias de ensino que consigam alcançar tal objetivo. “É preciso que cada aluno interiorize as ações realizadas e aprenda a ler seu próprio pensamento. É preciso aproximar a sala de aula da vida, dar-lhe sentido e construir um novo agir pedagógico” (VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p.10).

Isto posto, consideramos que nesse contexto haja a reflexão sobre as práticas pedagógicas que devem ser adotadas na escola pelos profissionais docentes e que podem, ou não, apresentar resultados positivos ao processo de ensino e aprendizagem no mundo atual que estamos inseridos.

Sendo assim, a oficina pedagógica é apresentada nessa discussão como uma dessas estratégias que possibilitam a articulação entre a teoria e a prática, proporcionando a aprendizagem vivenciada pelos participantes da oficina, por ser uma alternativa para despertar o interesse do aluno para as aulas, neste caso, de Geografia.

OFICINAS PEDAGÓGICAS: UMA ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A adoção da oficina pedagógica como instrumento didático proporciona uma aprendizagem mais significativa, uma vez que requer um envolvimento maior dos participantes durante o processo de construção do conhecimento, de maneira mais dinâmica e interacionista. Assim como qualquer atividade didática, a oficina pedagógica também requer planejamento e organização, levando sempre em consideração a base teórica epistemológica durante a sua execução.

A prática das oficinas pedagógicas é uma maneira dinâmica de se construir conhecimento num processo ativo de transformação entre sujeito e objeto, levando em consideração a base teórica, já que a oficina “[...] não é somente um lugar para aprender fazendo; supõe principalmente o pensar, o sentir e o agir” (VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p.12).

Conforme Vieira e Volquind (2002), a oficina promove a aprendizagem através da reflexão, partindo do sentimento, pensamento e ação, levando em consideração os objetivos pedagógicos. É uma forma de ensinar e aprender, na medida em que sua realização acontece coletivamente com oficineiros e oficinandos, interagindo a todo o momento já que “as oficinas propiciam espaço para

aprender com dinamismo. Existe uma cumplicidade entre os alunos, o professor e o recurso instrucional, permitindo a construção do conhecimento” (VIEIRA; VOLQUIND 2002, p. 11).

As professoras entrevistadas corroboram com a ideia das autoras, pois consideram as oficinas pedagógicas como uma atividade mais prazerosa e significativa, uma vez que os conteúdos são apresentados com mais clareza, atraindo a atenção dos alunos e tornando a aula mais dinâmica. As entrevistadas consideram também que a prática da oficina pedagógica nas aulas de Geografia é muito positiva, sobretudo para a socialização dos conhecimentos, já que essa prática proporciona a interação entre todos que dela participam.

A utilização de oficinas pedagógicas na sala de aula permite que se trabalhem diversos conteúdos que devem ser trabalhados no dia a dia pelo docente de forma mais dinâmica, reflexiva e interdisciplinar, na medida em que possibilita o desenvolvimento de atividades com várias temáticas diferentes, facilitando também o aprendizado, pois visa a articulação de conceitos teóricos com a realidade vivenciada do aluno. Além de promover o trabalho em equipe para a realização de tarefas, isto é, utilizar as oficinas pedagógicas como prática de ensino significa fazer uma junção entre a ação, a reflexão e a interação.

Portanto a adoção da oficina como prática pedagógica, significa a permissão para se construir os saberes a partir de situações concretas e significativas que são vivenciadas de forma prática, em que o aluno se coloca como agente ativo e reflexivo no processo de aprendizagem partindo da sua realidade, da sua experiência vivida. Sendo assim, é possível dizer que o ensino de Geografia deve proporcionar situações em que o aluno possa contextualizar o seu conhecimento prévio obtido através da sua experiência vivida e torná-lo científico, para isso as práticas de ensino devem buscar esse objetivo e não desconsiderar esses saberes. Partindo disso, a oficina pedagógica abarca esses objetivos, pois a sua concretização depende da bagagem que o aluno traz consigo para construir o conhecimento sistematizado.

É importante dizer que articular teoria e prática é sempre um desafio em qualquer área do conhecimento. Pensamento e ação requerem a busca por estratégias de integração entre os pressupostos teóricos e práticos, caracterizando assim, as oficinas pedagógicas, pois se trata de uma prática que beneficia todos os sujeitos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

Ao adotar a oficina como prática pedagógica o professor consegue alcançar com mais eficácia os resultados positivos que procura ao ensinar, melhorando sua autoestima e consequentemente a sua autonomia enquanto profissional docente, bem como tornar suas aulas mais prazerosas e agradáveis de modo que estas sejam potencializadas.

Para o educando a oficina proporciona que ele vivencie a aula enquanto aprende, permitindo que ele construa o seu conhecimento sistematizado, considerando o que já sabe, a sua vivência e a sua realidade, bem como facilitando a sua compreensão acerca dos conteúdos que devem ser estudados. A oficina pedagógica promove ao ensino a articulação da teoria com a prática de maneira mais significativa, na medida em que permite a construção dos saberes a partir de situações concretas e significativas que são vivenciadas de forma prática, em que o aluno se coloca como agente ativo e reflexivo no processo de aprendizagem. Neste processo o aluno pode experimentar e executar o trabalho em equipe, possibilitando a construção coletiva dos saberes. O professor/oficineiro coordenará a atividade com a função de mediador, ele não irá ensinar o que sabe, mas oferecer oportunidade para que os participantes busquem o que precisam saber.

Assim, o professor deixa de ser o centro da abordagem, passando o foco para o aprendiz e a aprendizagem. A construção e sistematização do conhecimento, nesse caso, parte principalmente dos saberes prévios dos alunos, suas habilidades e aspirações. Garcia (1990, p. 66), nos fala que “Ao professor cabe mobilizar as habilidades intelectuais, os esquemas operatórios, o pensamento reflexivo. Ao aluno cabe atuar segundo os desafios que lhe são postos pelo professor”. (Apud. VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p. 14).

Vale salientar que, como qualquer outra atividade pedagógica, a oficina também exige planejamento prévio, mas será durante a sua execução que ela ganhará características próprias que fugirão do ensino tradicional, centrado apenas no professor e no conhecimento racional. O planejamento da oficina é algo flexível, que pode sofrer alterações e reformulações no decorrer da atividade, e a partir das inferências dos participantes.

Durante a realização da oficina algumas atividades, que estimulam a solução de problemas ou dificuldades existentes, podem ser solicitadas aos participantes como planejamento de projetos de trabalho, produção de materiais didáticos e sua execução em sala de aula, apresentação do trabalho final acompanhado da avaliação crítica e reflexiva sobre o que foi realizado.

São várias as atividades práticas que podem ser aplicadas na oficina como jogos, questionários, brincadeiras, dinâmicas, entre outras que podem ser executadas de maneira individual, como também em duplas ou grupos, promovendo a interação entre os participantes e torna o processo de aprendizagem mais divertido e agradável, conforme comentado anteriormente.

A partir desse estudo, é possível dizer que utilizar práticas pedagógicas como a oficina durante as aulas é extremamente importante e necessário, pois tal prática apresenta um caminho para a mudança, unindo a teoria com a ação e tornando o ato de aprender e ensinar em algo prazeroso e

positivo. As oficinas proporcionam: ao educando confiança, ao educador autoestima e autonomia e, para ambos, liberdade e disposição na construção de saberes.

Vale reafirmar que a Geografia, enquanto ciência social, tem um papel importante no processo de construção da consciência cidadã do indivíduo, sendo, portanto, importante se buscar estratégias para a renovação do seu ensino, para que a função de compreensão espacial seja desempenhada com sucesso.

Considerando a obtenção de uma educação de qualidade, no ensino de Geografia, a leitura do espaço geográfico deve ser considerada como prioridade para o seu cumprimento, para que o aluno tenha a possibilidade de desenvolver a sua capacidade de compreensão da realidade, levando em consideração a sua experiência e a interpretação realizada por ele acerca dos fenômenos espaciais em seus diversos aspectos, pois,

O ensino de Geografia merece destaque, de modo que a análise espacial – principal objeto de estudo dessa ciência/disciplina escolar – contribui para que os alunos desenvolvam a capacidade de apreensão da realidade, principalmente a partir da percepção e interpretação dos fatos e fenômenos espaciais, nas suas diferentes escalas, transformando o seu olhar sobre o mundo que o cerca, fornecendo-lhe as condições para a construção da sua cidadania. (FERREIRA, 2016, p. 45).

Sendo assim, faz-se necessário, principalmente no ensino de Geografia, explorar a observação do aluno durante o processo de ensino e aprendizagem, como uma maneira mais significativa para despertar a consciência crítica deste sobre o espaço geográfico. Sobre isso Carvalho (1925 apud DIAS; ALBUQUERQUE, 2016) diz que:

É mais fácil ensinar por meio de livros e de palavras, porém, em Geografia é mais proveitoso ensinar por figuras, por objetos, por coisas. O menino tem faculdades de observação muitíssimo mais desenvolvidas do que as faculdades de elocução e expressão; por isso, convém fornecer-lhe maior material de observação, muito maior número de realidades do que jamais poderá decorar. (CARVALHO, 1925, p. 72. *Apud*. DIAS; ALBUQUERQUE, 2016, p. 233).

Partindo dessa colocação, pode-se aqui dizer que através da observação é possível fazer acontecer a aula de Geografia, pois através dos sentidos do corpo, sobretudo o da visão durante a observação, a atenção do aluno será despertada para a aula de Geografia que ali acontece, tornando-a mais significativa e interessante para ambos que participam desse momento de aprendizagem. Ferreira (2016) sinaliza que,

Compreender o seu espaço microssocial é uma maneira de ampliar a sua visão a fim de favorecer a compreensão da realidade. É função do professor de Geografia, criar estratégias didáticas e pedagógicas para teorizar a vida para que o aluno possa entendê-la e tenha condições de representá-la de maneira expressiva. (FERREIRA, 2016, p. 44).

Daí a importância de estimular a observação dos alunos sobre o seu espaço social, aquele em que ele vive, onde ele constrói experiências, despertando a sua consciência crítica sobre esse microespaço para, a partir disso, ampliar o seu olhar para o espaço global, compreendendo-o como um todo, e não como algo fragmentado e desconexo.

Ao discorrer sobre a prática das oficinas pedagógicas, enquanto uma possível estratégia didática para o ensino de Geografia, é perceptível que, diante a toda a sua dinâmica de planejamento e execução, tal prática contempla muitos aspectos que devem ser levados em consideração quando se busca uma metodologia que visa a construção da aprendizagem significativa.

Cabe aqui mencionar que a educação precisa de novas metodologias de ensino, especialmente no ensino de Geografia, por se tratar de uma ciência preocupada com a compreensão do espaço, e que pode ser muito atrativa, na medida em que são atribuídas a ela novas configurações de modo que não seja mais vista como mera disciplina enciclopédica e momentânea, mas sim uma possibilidade de *lerescrever* o espaço geográfico, conforme apontado anteriormente. Logo,

[...] a Geografia se mostra como uma disciplina atrativa, que não precisa necessariamente ser ensinada por meio de técnicas que priorizem a repetição e memorização de listas extensas com nomes de lugares, rios, mares, montanhas e dados populacionais. (DIAS; ALBUQUERQUE, 2016, p. 236).

O enunciado dos autores sinaliza que as oficinas pedagógicas podem proporcionar às aulas de Geografia a inovação que ela precisa, uma vez que tal prática prioriza a apreensão dos conteúdos através da participação dos seus integrantes no processo de construção da sua aprendizagem.

Na prática das oficinas pedagógicas o professor incorpora o papel de mediador, e o aluno também perde a sua função de mero espectador e passa a ser o sujeito ativo e organizador da sua aprendizagem. Dessa forma, ambos se sentem estimulados a aprender juntos, e o conhecimento torna-se muito mais consistente, já que “Aprender através de recursos que priorizem o lúdico – como contar histórias, cantar, jogar etc. – pode ser uma forma estimulante e mais atrativa do que decorar as capitais dos países” (DIAS; ALBUQUERQUE, 2016, p. 236). O estímulo a imaginação através de práticas que priorizam o lúdico como metodologia de ensino é, por diversas vezes, apontado como uma possível solução para a crise da educação, sobretudo do ensino da Geografia. Portanto,

Sendo o lúdico, atividade que vai além do brincar e se mostra como recurso que estimula a criatividade, a imaginação, transformando a aprendizagem num processo mais prazeroso, acreditamos na necessidade e eficiência deste como ferramenta metodológica. (DIAS; ALBUQUERQUE, 2016, p. 237).

Por dispor de várias técnicas que propiciam a leitura espacial, a oficina pedagógica pode sim ser uma forte aliada para a educação nessa busca pela renovação do ensino, inclusive o da Geografia,

uma vez que esta contempla os pressupostos teóricos e práticos que permitem que o ensino desta ciência/disciplina escolar aconteça e seja potencializado, já que utiliza a imaginação como auxiliar dos estudos geográficos e promove a leitura espacial através do corpo do aluno, das suas experiências pessoais, sua vivência e perspectivas para o futuro. Uma atividade que pode permitir um contato maior com o profissional docente, pois durante o desenvolver da oficina professor e aluno estão a todo o momento interagindo e construindo juntos os novos saberes. Isto é o que nos aborda o conteúdo da próxima seção.

EXPERIÊNCIAS COM OFICINAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Durante a realização das oficinas com os trinta alunos das turmas de 5º ano que participaram da pesquisa foi possível perceber que muitas crianças sentem dificuldade em compreender o espaço, ler o mundo ao seu redor, percebendo-se como parte indissociável deste. De acordo com Straforini (2016), essa dificuldade pode estar associada, dentre outros fatores, ao despreparo que muitos docentes formados em Pedagogia encontram para lecionar essa disciplina, já que também são responsáveis por trabalhar com as demais disciplinas como Português, Matemática, História e Ciências, havendo uma sobrecarga e dificultando o ensino de Geografia de ser realizado com sucesso.

Esse problema pôde ser percebido por diversas vezes nas falas das professoras que a todo o momento tentavam justificar as dificuldades dos seus alunos. As participantes sinalizaram que em muitos momentos das aulas elas sentem muita dificuldade em trabalhar os conteúdos com seus alunos, principalmente no que se refere as noções cartográficas, pois, assim como os alunos, elas afirmaram que também possuem dificuldades de compreensão referente a esta área de conhecimento e por isso se sentem inseguras em utilizar a linguagem cartográfica, indispensável para a construção de noções básicas de representação e compreensão da realidade.

Partindo dessa reflexão, ressaltamos que a prática de oficina pedagógica é uma maneira de contribuir para que o ensino de Geografia no Ensino Fundamental I seja mais positivo, no que se refere a aprendizagem significativa dos seus alunos. Assim, os conteúdos de Geografia trabalhados durante as oficinas foram os mesmos da unidade de ensino em que a escola estava trabalhando, estes foram escolhidos através da consulta com as professoras das três instituições.

Os conteúdos trabalhados nas oficinas foram: Brasil: um país de muitas diversidades; as paisagens brasileiras, as desigualdades sociais no Brasil; conhecendo o lugar onde moro. Contudo, é

importante salientar que devido algumas preocupações apontadas pelas professoras sobre a aprendizagem dos alunos acerca de algumas noções cartográficas, realizamos atividades referentes à esta temática, tais como o uso de mapas, cartas, globos e maquetes, visando contribuir com a aprendizagem dos participantes e consequentemente com as docentes, considerando a Cartografia como um auxílio indispensável à leitura espacial.

Objetivamos trabalhar esses assuntos de maneira mais dinâmica, considerando os pressupostos teórico-metodológicos da ciência geográfica, bem como os conceitos-chave, principalmente o de território e região, ao estudar o Brasil e as suas divisões regionais, e a paisagem e o lugar, a partir do contexto histórico e geográfico da cidade em que eles vivem.

Logo no primeiro encontro foi possível perceber o quão positivas seriam as oficinas de Geografia, pois os alunos mostravam-se animados e inquietos para participarem das atividades, mostravam também muita curiosidade ao perguntarem sobre o que estava sendo exposto e ao observarem os mapas que foram levados. Foi muito interessante perceber como eles ficavam intrigados com essas ferramentas cartográficas, mesmo apresentando algumas dificuldades na sua compreensão. A fotografia 01 registra o interesse dos alunos pela discussão ao realizarem a leitura e localização do Brasil no mapa mundi.

Fotografia 01 – Localizando o Brasil no mapa mundi



Fonte: Pesquisa direta; acervo pessoal, mês de abril, 2017.

Para facilitar a explicação e chamar a atenção dos alunos, os mapas se faziam presentes em todos os encontros, e contribuíram significativamente na fixação do conteúdo que era apresentado, pois através da linguagem cartográfica é possível situar as informações, facilitando dessa forma a compreensão.

Assim como os mapas, todas as atividades realizadas durante as oficinas buscaram priorizar o lúdico como metodologia de ensino, seguindo o que fora defendido por Dias e Albuquerque (2016), ao afirmarem que o lúdico não significa só brincar, mas que também é um recurso capaz de estimular a criatividade e a imaginação, tornando a aprendizagem mais prazerosa e significativa, tanto para o educador quanto para o aluno.

Foram realizadas nas oficinas de Geografia atividades como, dinâmicas de descontração, produção de desenhos e pinturas, produções textuais, elaboração e apresentação de painéis sobre os temas abordados, produção de mapa mental, brincadeiras para a fixação do conteúdo, exposição de vídeos, caça ao tesouro, aula de campo pela cidade, produção de maquetes e uma gincana geográfica de perguntas e respostas sobre tudo que foi exposto durante as oficinas.

As entrevistas e avaliações das oficinas sinalizaram que todas essas atividades apresentaram resultados bastante positivos no que diz respeito à aprendizagem dos participantes, os quais ficavam muito animados e se sentiam estimulados a participar, questionar e compreender o que estava sendo abordado através das brincadeiras e atividades lúdicas.

Vale ressaltar que buscamos a todo o momento trazer a realidade dos alunos para relacionar com o conteúdo das oficinas, levando sempre em consideração o conhecimento que eles já possuíam como ponto de partida para o que viria a ser conhecido, assim como defendido por Ausubel (2003 *Apud*. MOREIRA, 2012 p. 06) ao se referir aos conhecimentos já existentes nos sujeitos de *subsunção* ou *ideia-âncora*. Ao mesmo tempo, procuramos utilizar estes conhecimentos para indicar o caminho a seguir para a construção de novos conhecimentos.

Neste sentido, conforme comentado por Moreira (2012), só é possível alcançar a aprendizagem significativa através da interação entre os conhecimentos prévios com os conhecimentos novos, e que essa interação não deve ser desconsiderada. A fotografia 02 nos mostra a produção de mapas conceituais a partir da realidade de cada participante e sua compreensão sobre o Brasil e sua diversidade cultural.

Fotografia 02 – Produção de mapas conceituais



Fonte: Pesquisa direta; acervo pessoal, mês de abril 2017.

Como podemos visualizar na fotografia 02, os resultados foram bastante satisfatórios, uma vez que eles conseguiram representar o que foi discutido anteriormente. Foram desenhados pelos participantes imagens como diferentes paisagens brasileiras, elementos culturais presentes em diferentes regiões como, por exemplo, a baiana de acarajé e rodas de capoeira, representando a cultura afrobrasileira, e vários outros aspectos do Brasil discutidos coletivamente e passados para o papel com a confecção de mapas conceituais e mentais.

Ainda com o uso de mapas, foi trabalhado o conteúdo “Regiões brasileiras”. Nesta atividade, constatamos que muitos dos participantes ainda não conseguiam associar quais as cinco regiões administrativas do Brasil, bem como diferenciar continentes de regiões e estados. após a discussão teórica sobre o conteúdo, os alunos produziram cartazes sobre as cinco regiões administrativas do Brasil (Fotografia 03).

Fotografia 03 – Produção de cartazes sobre as regiões do Brasil



Fonte: Pesquisa direta; acervo pessoal, mês de maio 2017.

A fotografia 03 apresenta as produções dos alunos sobre as cinco regiões administrativas brasileiras, por meio da utilização de figuras e textos sobre os principais aspectos de cada região. Esse tipo de atividade proporciona o trabalho coletivo, a construção de saberes em conjunto, bem como a interação de todos para a realização do trabalho, tornando a aprendizagem mais significativa para todos.

Ao percebermos que as práticas selecionadas estavam dando resultados positivos, foi dada continuidade as atividades nos encontros posteriores. Discutimos também sobre “A desigualdade social no Brasil” e a participação dos opinando foi bem expressiva, pois eles se mostravam bastante curiosos em entender de que maneira esse fenômeno da desigualdade se manifestava em seu entorno. Eles foram instigados a relatar fatos que representassem a desigualdade e que eles já presenciaram, e vários relatos foram bastante interessantes, o que foi possível constatar que ao trazer o conteúdo para a realidade que o aluno vivencia o torna mais concreto e ele consegue compreender melhor o que é discutido.

De fato, essa foi uma das melhores discussões das oficinas, e isso pôde ser constatado pelas respostas de alguns opinando ao questionário de avaliação. Um dos participantes respondeu que o assunto que mais gostou durante as oficinas foi [...] *sobre a desigualdade social, pois esse assunto nos ajudou a ver a desigualdade no nosso país, e que não podemos julgar ninguém pela aparência, pois os estudos que fizemos nos ajudaram muito a respeito* [sic]⁵. Na fala desse aluno podemos perceber que o conteúdo trabalhado foi compreendido por ele, apesar de haver várias questões mais complexas nessa discussão, a palavra desigualdade teve para ele um significado. Vale salientar que, para trabalhar com a temática da desigualdade social, foram levadas imagens e charges impressas para a discussão e os participantes gostaram bastante da maneira como foi trabalhado.

Também foi solicitada a escrita de uma carta ao prefeito da cidade de Serrolândia, informando a ele de que maneira a desigualdade se manifestava na cidade e nas cartas os participantes cobravam soluções para o problema em questão. Consistiu em um momento bastante divertido, e o mais interessante foi que as crianças exigiram que as cartas fossem realmente entregues ao prefeito, mostrando dessa forma uma preocupação com o lugar onde vivem. Ao cobrar do prefeito soluções para os problemas de sua cidade os participantes das oficinas entenderam o seu presente e tentaram transformar o seu futuro exercendo o seu papel de cidadãos (STRAFORINI, 2001).

⁵ Fala do aluno da Escola 3, obtida através do questionário de avaliação das oficinas. Entrevista concedida em: 14/06/2017.

Para trabalhar o contexto histórico e geográfico do lugar, utilizamos um texto de literatura de cordel sobre a trajetória da cidade desde o seu surgimento. Os participantes gostaram bastante do texto e puderam compreender um pouco mais sobre o lugar onde vivem. É importante salientar as diversas possibilidades textuais que podem ser utilizadas nas oficinas para se discutir determinados assuntos, a literatura de cordel foi um exemplo, mas, podemos utilizar também músicas, poesias, histórias, charges, enfim fazer o uso de diferentes linguagens que possam motivar os estudantes a participar e aprender.

Levando em consideração o discurso de Dias e Albuquerque (2016) sobre atividades lúdicas, trabalhamos a lateralidade dos alunos, associando ao conteúdo que estava sendo discutido sobre a cidade, com a brincadeira da cabra cega (Fotografia 04), a qual foi extremamente divertida e os alunos puderam compreender as noções de lateralidade direita e esquerda, para baixo e para cima relações espaciais que muitos deles desconheciam ou se confundiam.

Fotografia 04 – Cabra cega: trabalhando a lateralidade



Fonte: Pesquisa direta; acervo pessoal, mês de maio 2017.

Utilizando uma representação do Monte Serrote, patrimônio histórico e ambiental da cidade, mostrado na fotografia 04, na brincadeira da cabra cega os participantes em duplas tinham que colar a cruz no local indicado do monte, sendo que um deles estaria de olhos vendados e a sua dupla seria o seu guia, o levando até o local indicado apenas com os comandos: frente, atrás, direita e esquerda.

Ainda sobre o conteúdo do lugar, foram trabalhados os aspectos econômicos e culturais da cidade, através de visita a campo em alguns locais da cidade e a confecção de maquetes em grupos. Com isso, os alunos puderam entender melhor o que estava sendo exposto, sobretudo durante a visita à campo, uma atividade que ocorre fora dos muros da escola, despertando a atenção do aluno através

dos sentidos do seu corpo, fazendo com que a aula aconteça de maneira mais significativa e interessante para quem dela participa.

De acordo com Ferreira (2016), é de extrema importância que o professor de Geografia contribua para que o aluno desenvolva o estímulo à observação do espaço ao qual faz parte e interage, permitindo-lhe que possa desenvolver a visão crítica sobre o seu lugar e relacionando-o com as demais escalas espaciais. Ao serem perguntadas se foi possível perceber mudanças no comportamento e aprendizagem dos seus alunos após a participação destes nas oficinas de Geografia, as professoras responderam que sim. A professora C, por exemplo, respondeu que foram realizadas “*atividades lúdicas, usando diversos materiais que ajudaram os alunos a compreenderem melhor o conteúdo e desenvolverem com clareza o seu aprendizado [...]*”⁶.

Portanto, as oficinas pedagógicas proporcionaram grandes contribuições para a aprendizagem dos participantes, por promoverem a leitura de mundo a partir da sua realidade, dando-lhes a oportunidade de compreensão do espaço em que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos discutir neste texto a importância da oficina pedagógica no ensino de Geografia, ferramenta de ensino que agrega resultados positivos na aprendizagem, principalmente para alunos dos anos iniciais de ensino, que se encontram na fase das descobertas e onde precisam começar a desenvolver a sua capacidade de *lerescrever* o mundo. Esta prática de ensino auxilia o profissional docente, permitindo que ele possa atualizar e inovar as suas atividades em sala de aula, recuperando a sua autoestima e contribuindo para a aprendizagem significativa de seus alunos.

Neste processo, consideramos que ensinar Geografia pode ser divertido e satisfatório. Cabe aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dar uma chance as novas possibilidades que surgem e que podem ser usadas como aliadas a educação. É importante que se preocupe com o ensino de Geografia, e que isso aconteça desde os primeiros anos da educação, para que futuramente tenhamos pessoas capazes de pensar o presente e escrever o futuro de forma crítica e consciente, a Geografia deve proporcionar que os sujeitos consigam *lerescrever* o mundo e compreendam o espaço geográfico.

⁶ Fala da professora C da Escola 3, obtida através do questionário de avaliação das oficinas. Entrevista concedida em: 14/06/2017.

Através da investigação, das oficinas e das entrevistas foi possível perceber que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, uma vez que foram apresentadas as contribuições que as oficinas pedagógicas, proporcionam a aprendizagem dos saberes de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, através de práticas de ensino que priorizam o lúdico sem desconsiderar os pressupostos teóricos da Geografia. E ao mesmo tempo, permitindo que os alunos pudessem aprender os conteúdos ao invés de simplesmente memorizar, e relacioná-los com a sua realidade, isto é, dando sentido aos novos conhecimentos que lhes eram apresentados por meio do estímulo à imaginação e a criatividade, facilitando o processo de aprendizagem significativa.

Portanto, a análise que se faz após a realização das oficinas pedagógicas de Geografia é que o processo de ensino e aprendizagem pode sim ser muito positivo, basta que o profissional docente esteja aberto às novas possibilidades que surgem na sociedade utilizando-as como uma maneira de auxiliá-los nessa tarefa. Assim como o mundo o conhecimento também se transforma, cabe à educação tentar acompanhar as mudanças recorrentes, caso contrário, a escola continuará sendo vista pelos alunos como um local atrasado e pouco atrativo.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Tradução de **The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view**. (2000). Kluwer Academic Publishers. (2003).

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRUNER, J. **O Processo da educação Geral**. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1991.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes. Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acessado dia 03 de abril de 2016.

DIAS, Angélica M de L.; ALBUQUERQUE, M. A. M. Linguagens lúdicas na Geografia Escolar moderna: entre práticas escolanovistas e anarquistas. In. PORTUGAL, J. F; OLIVEIRA, S. S. de.; RIBEIRO, S. L. **Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 221 – 239.

FERREIRA, Carlos Lima. **A geografia no ensino fundamental I: práticas docentes e os desafios para ensinar a ler o mundo** /. Jacobina- BA, 2016. – 159 f. (Dissertação de Mestrado).

MOREIRA, M.A ¿Al final qué es aprendizaje significativo? **Revista Currículum, La Laguna**, 25: 29-56. (2012). Disponível em <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf> acessado dia 15 de outubro de 2016.

MOTA, Maria Sebastiana Gomes; PEREIRA, Francisca Elisa de Lima;. **Desenvolvimento e aprendizagem processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do indivíduo**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf acessado dia 20 de janeiro de 2017.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; *et. al.* Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Rev. PEC**, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

STRAFORINI, Rafael. Permanências e mudanças no currículo de Geografia dos anos iniciais ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p. 160-184, jan./jun. 2016.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.